

OS PROTECTORES CLIMÁTICOS LATTE-MACCHIATO | POR ROLAND ROTTENFUSSER

Posted on 12. November 2020

Nos seus efeitos no clima e na saúde, a produção de produtos lácteos é tão má como a produção de carne.

*Um ponto de vista **de Roland Rottenfußer**.*

É o enorme ponto cego nos debates políticos actuais: Se olharmos para as duas questões políticas mais importantes dos últimos dois anos - clima e corona - vemos que em ambas as crises a agricultura de fábrica estava massivamente na raiz do problema. No entanto, os meios de comunicação social raramente fazem disto um assunto - a menos que seja um escândalo "conspícuo", como no caso de Tönnies, que abala a república. E mesmo assim as conclusões correctas raramente são tiradas. Quase nunca é o conselho dado para reduzir drasticamente o próprio consumo de carne e leite, embora isso fosse amargamente necessário. A propósito, isto também porque os alimentos para animais - especialmente se estiverem contaminados com substâncias nocivas - enfraquecem o sistema imunitário humano, o que também aumenta a susceptibilidade aos temidos vírus. Acima de tudo, porém, porque a produção de carne no nosso planeta é a semente ambiental número um. E leite? Isso piora a situação.

O latte macchiato tem sido recentemente uma fonte frequente de insultos contra uma elite urbana alegadamente arrogante, especialmente no meio dos eleitores verdes. De facto, o latte macchiato não é hoje em dia excessivamente elitista. Medido em relação ao custo social global da produção de leite, a bebida é de facto bastante barata. As pessoas que teriam preocupações éticas sobre as salsichas brancas não costumam colocar a fasquia tão alta para os produtos lácteos. Pensam que estão no lado seguro moralmente. Mas uma simples consideração mostra que isto está errado. A grande maioria dos danos ambientais não é causada pela crueldade para com os animais (o que também é mau, claro), mas pela mera existência de um número tão grande de animais. A vaca leiteira polui o clima da mesma forma que a vaca de carne.

Mesmo para aqueles que não estão tão interessados no ambiente e no sofrimento dos animais, uma coisa deve estar nas suas unhas: a sua própria saúde. Para todos aqueles para quem as considerações éticas são "salsicha" desde que a salsicha saiba bem, John Robbins fornece no seu livro "Nutrição para um Novo Milénio" (1) alguns argumentos para os quais ninguém pode fechar os olhos.

A agricultura industrial moderna também exige de nós, humanos, um preço elevado. A carne nas nossas placas contém resíduos de pesticidas, hormonas, substâncias promotoras de crescimento, insecticidas, tranquilizantes, isótopos radioactivos, herbicidas, antibióticos e estimulantes do apetite. O comedor de carne humana, porque está no fim da cadeia alimentar, serve de "armazenamento final" para todas estas substâncias.

As crianças chupam literalmente estes resíduos poluentes com o leite da mãe. Mas o consumo de produtos feitos de leite de vaca por adultos também não está isento de problemas. Isto é o que o portal sagneinzumilch.de lista:

"Os antibióticos são utilizados para além da contenção de Mastites também como assistência ao mastro para o aumento da produção, o que oficialmente não é permitido, mas dificilmente pode ser distinguido da utilização como medicamentos. Além disso, pesticidas, herbicidas, resíduos de desinfectantes (principalmente clorofórmio) e substâncias nocivas (metais pesados, PCB) podem ocorrer no leite, que por exemplo através da alimentação animal são deixados como resíduos no leite e são por vezes tornados públicos sob a forma de escândalos alimentares".

Infeções por vírus como resultado de uma pecuária intensiva

Algo é acrescentado, o que só se tornou cada vez mais evidente com a crise da Corona. A agricultura industrial tem contribuído consideravelmente para aumentar a probabilidade de propagação de todos os tipos de agentes patogénicos. É claro que os leitores desta página sabem que Sars-CoV-2 não é um vírus assassino excepcionalmente perigoso e que a cobertura da imprensa é exagerada a este respeito. No entanto, o lobby farmacêutico e os políticos e peritos a ele associados não teriam tido tanta facilidade em tentar convencer-nos de um pânico pandémico se as condições na indústria de processamento de carne e leite não tivessem contribuído para criar uma situação explosiva. Alguns factores típicos da nossa "civilização" favorecem a emergência de novos tipos de vírus e a sua propagação:

- As condições apertadas nos estábulos e a higiene por vezes muito má.
- A situação social dos trabalhadores envolvidos no processamento de produtos de origem animal.

- Demasiado contacto entre humanos e animais como resultado de uma coexistência densa.
- Demasiado contacto entre diferentes espécies animais, porque o homem está a restringir cada vez mais os habitats dos animais selvagens.

O biólogo Clemens G. Arvey descreveu muitas destas inter-relações em pormenor no seu novo livro "Wir können es besser". Assim escreve Arvey:

"A utilização de mão-de-obra barata, que nos matadouros, por exemplo, tem de efectuar trabalhos pesados à peça na linha de montagem e está alojada em condições apertadas e pouco higiénicas, não só representa uma forma inaceitável de exploração, como também pode encorajar a formação de aglomerados na propagação da infecção. O surto de COVID-19 em Itália já está ligado a esta prática questionável" (2).

Outro grande problema de saúde é criado pela contínua restrição da biodiversidade.

"No que diz respeito aos alimentos, também deve ser claramente afirmado que o nosso consumo de carne deve ser reduzido. Como já afirmei neste livro, estamos a alimentar os recursos do mundo com os nossos animais de criação, contribuindo assim para a destruição da biodiversidade. Mas esta seria a nossa melhor protecção contra epidemias e outras ameaças para a saúde" (3).

Um exemplo: Devido à escassez de alimentos - porque os seus habitats estavam cada vez mais povoados pela actividade humana - os morcegos na China fugiram para as grandes cidades.

"Quanto mais os ecossistemas intactos encolhem, mais se aproximam os representantes das diferentes espécies, incluindo nós humanos, mesmo que não tenham tido qualquer contacto uns com os outros no decurso da história evolutiva" (4).

Os vírus mudam assim mais facilmente os seus proprietários e encontram espécies cujo sistema imunitário não está habituado a eles. As zoonoses, ou seja, doenças infecciosas que podem propagar-se dos animais para os seres humanos, estão assim a tornar-se cada vez mais prováveis.

Uma forma mais inteligente de egoísmo

Todos os factores de risco acima mencionados são também causados pela indústria leiteira, especialmente porque mesmo a alta densidade de "animais de exploração" numa área polui o ambiente e põe em perigo a biodiversidade. Vamos mais uma vez resumir os factores que influenciam o clima na produção de carne e produtos lácteos. Expliquei estes factos com mais detalhe no meu artigo "Os Protectores Climáticos da Salsicha Branca":

- Peidos de vaca e arrotos (emissão de gases metano),
- Consumo da terra através da criação de animais e do cultivo de culturas forrageiras,
- O consumo de água pela criação de animais e o cultivo de culturas forrageiras,
- Poluição da água e do solo por estrume,
- Solo, água e poluição do ar através de mais herbicidas,
- Mortes de insectos e aves como resultado de habitats desaparecidos ou envenenados,
- limpeza de florestas virgens para o cultivo de forragens.

Se olharmos para isto, chegamos à conclusão de que não é a crueldade animal que é prejudicial ao clima - é "apenas" um escândalo triste e particularmente repulsivo que urge pôr fim - não, o que é prejudicial é sobretudo a mera existência de "animais de quinta" em tão grande número: a sua necessidade de vida e os seus excrementos. Isto significa que qualquer pessoa que não queira que os animais sofram deve abster-se de comer alimentos para animais. Mas: Mesmo aqueles que não se preocupam com os animais porque os consideram criaturas primitivas que não são dignas de protecção e estão muito abaixo do seu nível, deveriam prescindir da alimentação animal, desde que estejam interessados em travar a catástrofe climática crescente.

Assim, sempre que o problema principal não seja a crueldade para com os animais, mas a existência destas criaturas em número excessivo, o leite é tão mau como a carne.

Porque a vaca produtora de leite peida, produz estrume líquido e consome terra, água e alimentos vegetais tal como a vaca produtora de carne.

Como estão ligados o leite e a produção de carne

Aqui tenho de voltar um pouco atrás para deixar claro que a produção de leite não é, de forma alguma, um "pecado" venial. Superficialmente, a questão é clara: vejo uma vaca à minha frente e penso no que é pior: enfiar-lhe uma faca de talhante na garganta ou agarrar-lhe as tetas com as minhas mãos e tirar-lhe um copo de leite. Visto sob esta luz, o comedor de carne é um ogre, o bebedor de leite, por outro lado, é a própria inocência. Mas não é assim tão simples. A produção de carne e de leite estão intimamente ligadas entre si.

Em geral, os consumidores são da opinião que as vacas, de alguma forma, dão sempre leite. Então que mal é que isso faz se as pessoas lhes tirarem um pouco? Na realidade, as vacas não são diferentes das "fêmeas" de outros mamíferos, incluindo humanos: só dão leite quando acabam de dar à luz. A fim de assegurar que a produção de leite seja mantida, as vacas devem, portanto, ser mantidas sempre grávidas artificialmente. São inseminados contra a sua vontade com sémen de touro.

Os vitelos agora, a quem o leite das vacas é realmente destinado, são concorrentes dos seres humanos que reduzem a produtividade. Os ladrões ficam praticamente ofendidos porque os seus legítimos proprietários bebem o leite longe deles. Os vitelos são, portanto, arrancados das suas mães numa idade precoce e mantidos em pequenas gaiolas individuais. As vacas dão à luz apenas um vitelo por ano, e em toda a sua vida geralmente apenas quatro, em média. Se a sua produção de leite diminui, entram na produção de carne de bovino. Assim, não só quando são vacas-raivos e a sua carne se tornou dura, mas já na meia-idade, quando a sua produção de leite já não atinge o óptimo desejado. A mesma vaca é portanto usada duas vezes: primeiro por bebedores de leite com uma boa consciência, depois por comedores de carne com (por vezes) uma má consciência.

Uma vez que um agricultor não pode aumentar arbitrariamente o número de lugares para as vacas, um bezerro é deslocado para cada vaca que é retirada de serviço e abatida por razões de idade. No entanto, como já ouvimos antes, as vacas dão à luz uma média de quatro delas durante a sua vida. O que acontece com os outros três? No que diz respeito aos espécimes masculinos, pode pensar na resposta: vitela. Mas uma das duas vitelas também acaba por se dedicar à produção de carne.

Assim, se o país inteiro parasse subitamente de comer carne, mas os produtos lácteos continuassem a ser consumidos, os agricultores deixariam de saber o que fazer com os animais excedentários. Tal como os pintos machos, eles seriam um caso para a trituradora. "Felizmente", porém, há compradores suficientes para vitela branca macia e florida e carne de vaca forte e fibrosa.

Assim, o resultado final é: três quartos das vacas leiteiras, que aparentemente servem apenas para fazer queijo, iogurte e chocolate, são de qualquer forma utilizadas para a produção de carne, e os restantes quartos morrem após uma curta vida "ocupada" muito antes da sua morte biológica. Para não mencionar as extremas dificuldades psicológicas que surgem quando as mães de gado e os seus filhos são separados precocemente. Os vegetarianos não podem simplesmente arranjar desculpas, nem sequer comem músculos, mas sim pratos de queijo misturados com eggnog.

A imagem é semelhante com os ovos: Os galos vão para a trituradora ou como frangos no congelador; os frangos são separados assim que deixam de "ser capazes" de o fazer. Mas pelo menos a emissão de gás metano pelas galinhas é considerada insignificante.

Três argumentos contra a alimentação animal

Existem três grupos de argumentos contra a alimentação animal: saúde, ética (orientada para o bem-estar animal) e ecológica. As descobertas sobre os efeitos nocivos para a saúde da carne, ovos e produtos lácteos podem ser descartadas dizendo que as pessoas comem relativamente pouco deles ("dieta mista equilibrada") e prestam atenção à qualidade biológica (sem antibióticos na carne).

As questões éticas podem ser ignoradas desde que se esteja seguro do acordo tácito da maioria dos seres humanos e se suprima a verdade sobre a "criação de animais de criação".

Mas e o argumento do clima? Por uma vez, não pense nos animais neste momento. Não desperdiçar pensamentos sobre leitões castrados, pintos desfiados, vitelos arrancados às suas mães, animais abatidos que não estejam completamente anestesiados, gado a rugir no confinamento e desespero dos transportes de animais com quilómetro de comprimento, cordeiros a sangrar, metades de porcos fedorentos que são

mecanicamente cortados em pedaços humanos, milhões de criaturas amontoadas que nunca verão um raio de sol nas suas vidas. Não permita que estas imagens surjam na sua cabeça. Não pensem nisso.

Mas pense em si mesmo.

Como habitante de um planeta cada vez mais sobreaquecido, do qual tudo o que o fez valer a pena viver e amar desaparecerá pouco a pouco - até que, no final, nenhuma vida será possível sobre ele.

Este terceiro grupo de argumentos, os relacionados com questões ambientais e climáticas, será cada vez mais difícil de eliminar. Será cada vez mais difícil justificar por que razão se utilizou os poderes espirituais para defender um modo de vida errado contra os críticos em vez de começar a praticar um correcto.

"Do-gooders" - sim, por favor!

O que o sofrimento concreto das criaturas amorosas individuais não pode trazer, talvez um termo abstracto como "o clima", agora trará consigo. A alternativa é comer salsicha no deserto ou batata frita numa paisagem fértil. É claro que esta observação não é suficientemente complexa. Existem outros assassinos do clima e também outras alternativas alimentares. Mas a tendência é correcta.

Quando o último pássaro estiver morto, é melhor transmitir um ficheiro com canções de pássaros dos "velhos tempos". Quando a última abelha estiver morta, pode comer um pão Nutella em vez de mel. Mas quando este planeta tiver morrido, não haverá mais.

O argumento climático irá colocar cada vez mais na defensiva aqueles que se agarram ao velho modo de vida baseado no consumo de carne e leite. Cada vez mais - à medida que os argumentos racionais se esgotam - a negação e o desdém permanecerão como último recurso. Este é um método que muitos proteccionistas do clima infelizmente escolheram: Na sua maioria "apenas" exigem que as centrais eléctricas alimentadas a carvão sejam encerradas e que sejam introduzidos impostos sobre o CO₂, e que os jactos circulem pelo mundo com menos frequência. Todas as coisas certas. Mas não havia algo mais?

Tão mau como a indústria da carne

Por último mas não menos importante, o argumento do clima também revela uma verdade incômoda: no que diz respeito ao sofrimento dos animais, a indústria leiteira é um pouco mais misericordiosa do que a indústria da carne (embora não tão inofensiva como gostaríamos de pensar); mas onde a mera existência de animais em tão grande número está em jogo (água, terra e consumo de plantas, "peidos de vaca" e afins), a indústria leiteira é tão má como a indústria da carne. Aí não importa se se bate o leite de uma vaca com um punho suave do úbere ou se o abate imediatamente: A vaca está lá, emite gás metano para a atmosfera, o seu estrume acidifica o solo, consome uma quantidade desmesurada de espaço ao cultivar plantas que necessita para a sua nutrição.

Claro que parece contraditório ser um amante de animais e, ao mesmo tempo, exigir uma redução drástica do número de "animais da quinta". Mas seriam necessárias apenas algumas gerações de animais para reduzir significativamente os problemas éticos e ecológicos que têm surgido através da esterilização e da conversão sistemática ao cultivo de plantas orgânicas.

E mesmo que a situação radicalmente ameaçadora em que nos encontramos sugira que devemos mudar o nosso próprio comportamento como consumidores - é importante saber que não são apenas os veganos "perfeitos" que dão um contributo valioso. Alguém que come apenas 9 em vez de 10 schnitzels por mês fez tantos progressos como alguém que o faz de um schnitzel para 0. Embora esteja determinado a fazer muito mais do que apenas um "Dia Veggie" por semana, pode ser reconfortante para as pessoas que não podem ser tão consistentes neste momento saber Cada pequena etapa da mudança alimentar conta. E mesmo as longas distâncias começam com o primeiro passo.

No entanto, é claro que se aplica o seguinte: O tempo está a esgotar-se. Se todos substituírem o Leberkäsesemmel por um pãozinho Emmentaler às 9 horas da manhã, não será suficiente.

Numa palestra de Robert Habeck em Peißenberg, os agricultores demonstraram com o slogan: "Querem fazer publicidade com abelhas, deixam os agricultores morrer". Parece particularmente mesquinho, mesmo à primeira vista, preferir criaturas tão humildes como os insectos à "Coroa da Criação". Mas o argumento só é parcialmente válido porque as abelhas são benéficas para todo o ecossistema e, portanto, para os seres

humanos.

Os baixos preços do leite, sob os quais os agricultores gemem, são - se deixarmos aqui de lado os argumentos ecológicos e éticos contra o leite - um escândalo. São devidos à produção e distribuição de alimentos sob as condições do capitalismo. Os consumidores querem comprar tudo a baixo custo - e por vezes têm de o fazer, por razões financeiras. Os grossistas deixam os seus clientes serem reis - à custa dos fornecedores, cujos empregados por vezes têm de trabalhar como escravos.

Os agricultores sofrem, sim, mas as vacas certamente sofrem mais. O activista do bem-estar animal e autor V.C. Herz escreve sobre isto:

"A propósito, é principalmente a vaca que paga o preço do leite barato. A criação agressiva para o maior rendimento leiteiro possível prejudica os animais. As vacas de hoje têm uma qualidade de vida significativamente pior, adoecem com mais frequência e são abatidas mais cedo devido ao declínio da produção de leite. A vítima do preço do leite é portanto a vaca, não o agricultor".

Praticar a compaixão

Expliquei porque é que as ambições de bem-estar animal não são absolutamente necessárias para defender uma redução drástica da alimentação animal nos dias de hoje e para a praticar na vida quotidiana.

A única forma de compaixão necessária para isso é a auto-comiseração, que está suficientemente disponível na nossa sociedade. Tenha compaixão por si próprio e pelas muitas outras pessoas que têm de viver num planeta cada vez mais desolado.

No entanto, ao despedir-me de vós, gostaria também de vos exortar a mostrar compaixão por outras formas de vida. É também um ganho para si próprio se mantiver o seu coração sensível. Há uma predisposição para a compaixão dentro de si - algo que provavelmente estava vivo dentro de si quando era criança e que ficou horrorizado com a ideia de que alguém pudesse prejudicar o coelho ou cordeiro "doce". A maioria de nós teve algo que nos foi tirado e fomos desmamados, o que é uma das coisas mais preciosas

que somos capazes de fazer.

Retomemos esta parte suprimida da nossa personalidade - com atenção, com olhar, com informação útil - e depois com "renúncia". Renúncia, o que na realidade significaria apenas uma mudança suave no que gozaremos no futuro.

Roland Rottenfußer, nascido em 1963, trabalhou como editor de livros e jornalista para várias editoras após ter estudado alemão. De 2001 a 2005 foi editor na ligação de revista espiritual, mais tarde para o "Zeitpunkt". Trabalha actualmente como editor, redactor de livros e escritor para a Goldmann Verlag. Desde 2006 é editor-chefe da [*Hinter den Schlagzeilen*](#).

Fontes:

(1) John Robbins, Nutrição para um novo século, Hans-Nietsch-Verlag

(2) Clemens G. Arvey, We can do better, Quadriga Verlag, p. 152.

(3) Ibid., p. 234

(4) Ibid., p. 32

+++

Nota sobre o artigo: O presente texto apareceu pela primeira vez em "[*Rubikon – Magazin für die kritische Masse*](#)", em cujo conselho consultivo Daniele Ganser e Rainer Mausfeld estão activos, entre outros. Uma vez que a publicação foi feita sob uma licença gratuita (Creative Commons), KenFM assume este texto para uso secundário e assinala explicitamente que o Rubicon também depende de doações e necessita de apoio. Precisamos de muitos meios de comunicação alternativos!

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: Alexander Chaikin / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK